

A senhora de
Silver Bush

LUCY MAUD MONTGOMERY

A senhora de
Silver Bush

TRADUÇÃO: THALITA UBA



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Mistress Pat

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Lucy Maud Montgomery

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Thalita Uba

Design de capa
Ciranda Cultural

Preparação
Cleusa S. Quadros

Imagens
John Rawsterne/shutterstock.com;
Pavel K/shutterstock.com;
greenga/shutterstock.com;
Ardea-studio/shutterstock.com;
alaver/shutterstock.com

Revisão
Catrina do Carmo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

| | |
|-----------|--|
| M787s | Montgomery, Lucy Maud |
| | A senhora de Silver Bush / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Thalita Uba. - Jandira : Principis, 2021. 416 p.; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial; v.2) |
| | Tradução de: Mistress Pat ISBN: 978-65-5552-363-8 |
| | 1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Uba, Thalita. II. Título. III. Série. |
| 2021-1032 | CDD 028.5 CDU 82-93 |

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

| | |
|-----------------------------|-----|
| O primeiro ano | 7 |
| O segundo ano | 117 |
| O terceiro ano | 205 |
| O quarto ano | 233 |
| O quinto ano | 269 |
| O sexto ano..... | 285 |
| O sétimo ano..... | 301 |
| O oitavo ano..... | 335 |
| O nono ano..... | 361 |
| O décimo ano..... | 377 |
| O décimo primeiro ano | 399 |

O primeiro ano



Capítulo 1

Havia centenas de árvores, grandes e pequenas, na fazenda de Silver Bush, e cada uma era amiga pessoal de Pat. Era angustiante, para ela, quando uma – até mesmo algum abeto velho e nodoso no bosque dos fundos – era cortada. Ninguém jamais conseguira convencer Pat de que cortar uma árvore não era um assassinato... Um homicídio justificável, talvez, já que era necessário ter lenha e acender o fogo, mas um homicídio, de toda forma.

E nenhuma árvore jamais fora cortada na mata de bétulas-brancas atrás da casa. Isso seria um sacrilégio. Ocasionalmente, uma ou outra após uma tempestade de outono, e Pat lamentava o fato até que a falecida se transformasse em um lindo tronco coberto de musgo e com samambaias crescendo em tufos grossos por todo ele.

Todos em Silver Bush amavam o bosque de bétulas, embora ele não representasse para ninguém o que significava para Pat. Para ela, era um ser vivo. Ela não apenas conhecia as bétulas, como elas a conheciam; os refúgios perfumados pelas samambaias, permeados por sombras, a

conheciam; o vento nos galhos sempre lhe fazia uma saudação calorosa. Desde que se entendia por gente, rincava naquele bosque, passeava por ele e nele sonhava. Não conseguia se lembrar se houve algum momento em que ele não levasse sua imaginação a um estado de transe e dominasse a sua vida. Na infância, costumava ser povoado pelos leprechauns e duendes das histórias de Judy Plum, e agora que aquelas crenças adoráveis e saudosas haviam se afastado dela como almas penadas distantes e afáveis, porém sua velha magia ainda assombrava o bosque branco. Ele nunca seria para Pat meramente o bosque comum de árvores de troncos brancos e fendas frondosas que era para qualquer pessoa. Por outro lado, Pat, pelo que sua família sempre disse, também se divergia um pouquinho das demais pessoas. Quando criança tinha olhos enormes... Depois, no início da adolescência, era uma diabrete amorenada e magricela... E continuava diferente agora que estava com 20 anos e deveria, como Judy Plum achava, ter alguns pretendentes.

Houve um ou outro garoto no passado de Pat, mas Judy os considerava meros experimentos. Pat, no entanto, não parecia querer qualquer namorado, a despeito das insinuações indiretas de Judy. Tudo o que realmente queria, ou deixava transparecer, era administrar Silver Bush e cuidar de sua mãe – que era um tanto inválida – e garantir que a menor quantidade possível de mudanças acontecesse por lá. Se pudesse fazer um pedido a uma fada, seria por uma vara de condão para garantir que tudo continuasse exatamente igual por, pelo menos, cem anos.

Ela adorava sua casa com fervor. Era extremamente leal a ela... Aos seus defeitos tanto quanto às suas virtudes... Embora nunca fosse admitir que houvesse qualquer defeito. Cada detalhe da propriedade conferia a Pat uma alegria imensa. Quando se ausentava para fazer uma visita, morria de saudade até poder voltar.

– Silver Bush não é a casa dela... É a sua religião – comentara tio Brian certa vez, provocativamente.

A SENHORA DE SILVER BUSH

Cada cômodo significava alguma coisa...Portava alguma mensagem vital para ela. A dela tinha aquela aparência que as casas costumam ter quando são amadas por anos. Era uma casa onde ninguém jamais parecia estar com pressa... Onde ninguém jamais ia embora sem se sentir melhor de alguma forma... Um lugar onde sempre havia riso e ele abundou tanto em Silver Bush que as próprias paredes pareciam tomadas por ele. Era uma casa onde você se sentia bem-vindo no instante em que pisava nela. Ela o acolhia... Relaxava. As próprias cadeiras clamavam para serem ocupadas de tão hospitaleiras. E a propriedade era repleta de gatos lindos... Camaradas gorduchos e fofos estendidos no parapeito das janelas ou amontoados de filhotes macios como seda dormindo nas lajes quentes de arenito do antigo cemitério da família, além do pomar. As pessoas vinham de toda a Ilha para adotar um gato de Silver Bush. Pat odiava doá-los, mas, é claro, algo precisava ser feito, visto que as ninhadas nunca paravam de chegar.

– Tom Baker veio buscar um gatinhu hoje – comentou Judy. – “Di qui raça é?”, ele perguntou, todo solene. Os Baker nunca tiveram muito tutano. – “Nossus gatus são gatus comuns, desses di jardim” –, eu respondi. – “Mas nós damos um bom lar para eles e cunversamus cum eles di vez im quandu, e qualquer gatu di respeito gosta qui cunversem cum ele” – eu disse –, “fazenu um elogi u aqui e ali. Intão eles dão u melhor delis para genti, inquantu são filhotis e também dipois. Pur certu, eu já nem sei mais qual é a aparência dum ratu” –, eu disse. Eu num tava cum muita vontadi di dar u filhoti para eli. Eles vão tratar u bichu bem, num tenhu dúvida, mas nunca vão si lembrar di passar um tempu cum eli.

– Nossos gatos nos dominam, afinal de contas – observou Naninha preguiçosamente. – Tia Edith diz que é absurda a forma como nós os mimamos. Ela fala que existem muitos pobres cristãos que não têm a vida que nossos gatos têm e acha horroroso o fato de permitirmos que durmam no pé da nossa cama.

– Ora, ora, vê só, vucê deixou u Cavalheiru Tom zangadu – disse Judy, repreensivamente. – Gatus sempre sabem u qui a genti tá falanu delis. E u Cavalheiru Tom é um bichu sensível.

Naninha, distraidamente, observou o Cavalheiro Tom – um gato preto magricelo de Judy que era tão velho que se esquecera de morrer – afastar-se indignado por entre as samambaias da trilha. Pat, Judy e ela estavam passando o fim de tarde de verão no bosque branco. Tinham adquirido o hábito de cumprir seus afazeres ali, onde a música dos pássaros ocasionalmente invadia o silêncio das folhas ou um esquilo tagarelava ou o vento da mata tecia seus feitiços murmurantes. Pat ia lá para escrever suas cartas, e Naninha estudava suas lições. Volta e meia, sua mãe levava as agulhas para tricotar. Era um lugar adorável para se trabalhar... Embora Naninha tivesse dificuldade para se concentrar ali, geralmente deixava o trabalho para Pat e Judy. Essa estava sentada em um tronco musgoso, descaroçando cerejas para fazer compotas, e aquela estava fazendo novas cortinas verde-maçã para a sala de jantar. Naninha, tendo concluído que aquele era um assento digno de uma verdadeira dama, colocou as mãos para trás, sobre a grama, e apoiou-se nelas, olhando para as nuances opala do céu por entre a copa das árvores.

– O Bravo-e-Feroz não vai embora – concluiu ela. – Ele não é tão sensível assim.

– Ora, ora, num tem cumo maguar us sentimentus daquele gatu, purque ele num tem sentimentu nenhum – respondeu Judy, lançando um olhar um tanto desdenhoso para o grande gato cinza sentado no tronco ao lado de Pat, piscando os olhos verdes-claros, com um filete negro no centro, para o cachorro esguio de pelos castanho-dourados que estava alegremente roendo um osso bastante malcheiroso atrás do tronco, ocasionalmente pausando para fitar o rosto de Pat com um misto de adoração e melancolia.

A SENHORA DE SILVER BUSH

Bravo-e-Feroz sempre considerara “o cão McGinty”, como Judy o chamava, um intruso. Hilary Gordon o deixara com Pat há quase dois anos, quando foi para a faculdade em Toronto. No início, o coração de McGinty quase se partiu, mas ele sabia que Pat o amava e, eventualmente, animou-se um pouco e retribuiu Bravo-e-Feroz na mesma moeda. Uma trégua armada existia entre os dois, pois Bravo-e-Feroz não tinha se esquecido do que Pat fizera com ele no dia em que tinha arranhado o focinho de McGinty, que viveria sempre em termos amigáveis, mas Bravo-e-Feroz simplesmente não aceitava.

– Ora, ora, cum todas essas cerejas para serem discaroçadas antis da janta, eu realmenti quiria ter um fantasma daquele qui eles costumavam ter lá nu Castelu di McDermott antigamenti – disse Judy, suspirando exageradamente. – Aquele era um belu dum fantasma... Uma criatura ixtremamenti útil e trabalhadora. Vucês num iam acreditar nas coisas qui ele fazia... Mexia o angu, discascava as batatas, pulia a prataria... Ele num si poupava di nada. Foi uma pena u dia im qui u velhu lorde deixou um dinheirinho para ele nu balcão da cuzinha, dizenu qui u trabalhador tinha feito pur merecer. Ele nunca mais voltou... Deve di ter ficadu ofendidu. Ora, ora, McDermontt teve di contratar mais uma criada. Nunca si sabi comu si devi agir quandu si trata dessas criaturas. Pur certu, essa é a disvantagem dus fantasmas. Alguns teriam ficadu ofendidu si num recebessem um agradecimentu. Mas um fantasma daqueles seria uma mão na roda di vez im quandu aqui im Silver Bush, num seria, Naninha, quirida?

Por sorte, Judy não percebeu Pat e Naninha trocando sorrisos. Elas compartilhavam da alegria que era ouvir as histórias de Judy – uma diversão que havia substituído a credulidade do início da infância. Houve um tempo em que tanto Pat quanto Naninha teriam acreditado implicitamente no laborioso fantasma de McDermott.

– Judy, se essa história foi uma indireta delicada para que eu me mexa e ajude você com essas cerejas, não vou sucumbir – respondeu Naninha

com um sorriso. – Detesto costurar e fazer compotas. Pat é quem tem o dom doméstico... Eu, não. Quando estou aqui, gosto de simplesmente me acomodar na grama e ouvir vocês conversarem. Estou usando meu vestido azul, e o suco da cereja mancha. Além disso, de vez em quando, sinto dores no estômago, de verdade.

– Si vucê vai cumer aquelas maçãzinhas verdis, vai ter qui aguentar as dores di barriga – retrucou Judy, demonstrando o princípio de causa e efeito sem remorso algum. – Mas quandu eu era nova, num era di bom tom ficar falanu sobre u qui si passa dentru du corpu tão abertamenti, Naninha.

– Vocês continuam me chamando de “Naninha” – lamentou, amuada. – Já pedi para pararem, mas ninguém para. Fora de casa, sou a Rae... Eu gosto disso, mas aqui, em Silver Bush, todo mundo fica me chamando de “Naninha”. É tão... tão infantil... agora que tenho 13 anos.

– É mesmo, Naninha, quirida – concordou Judy. – Mas eu tô velha demais para aprender nomes novos. Achu qui vucê sempre vai ser “Naninha” para mim. E qui pandemônio foi para achar um nome para vucê! Vucê si lembra, Pat? E cumo vucê ficou chatiada porque eu fui procurar pur um bebê nu canteiru di salsinha na noiti im qui a Naninha nasceu? Ora, ora, aquela foi uma noiti terrível im Silver Bush! Achamus qui a tua mãe num ia sobreviver, Patsy, quirida. E pensar qui já faz 13 anos!

– Eu me lembro de como a lua estava grande e vermelha àquela noite, erguendo-se sobre o Morro da Névoa – lembrou Pat, sonhadoramente. – Ah, Judy, você sabia que um raio atingiu o álamo do meio no Morro da Névoa na semana passada? Ele morreu e precisou ser cortado. Não sei como eu consegui suportar. Sempre amei tanto aquelas três árvores. Desde que me entendo por gente... Não, McGinty, não faça isso! Sei que é uma tentação quando o rabo dele fica balançando assim... Isso mesmo, Bravo-e-Feroz, erga esse rabo. E aliás, Bravo-e-Feroz, você não precisa... Você realmente não precisa... levar mais ratos mortos para a minha cama no início da manhã. Eu vou continuar acreditando que você os caçou.

A SENHORA DE SILVER BUSH

– Us gritus qui ele dá inquantu leva um lá para cima! – exclamou Judy.
– Seria di partir u curaçon si ele num pudesse mostrar para vucê.

– Pensei que você tivesse dito, agora mesmo, que ele não tinha sentimentos – ponderou Naninha, rindo.

Judy a ignorou e se voltou para Pat.

– Vamus fazer um pudim di cereja para amanhã, Patsy?

– Sim, acho que sim. Ah, lembra-se de como Joe adorava pudins de cereja?

– Ora, ora, tem muita coisa qui eu já mi isqueci sobre o Joe, Patsy, qui-rida. A última carta deli foi di Xangai? Achu qui aquelis chinesis amarelus num intendem nada sobre fazer pudim di cereja. Ou pudim di ameixa. Vamus fazer um nu Natal, quandu u Joe tiver im casa.

– Fico me perguntando se ele realmente virá – disse Pat, suspirando.
– Ele nunca passou o Natal em casa desde que partiu. Sempre planeja vir, mas algo sempre o impede.

– Trix Binnie disse que Joe fez uma tatuagem no nariz e é por isso que ele não vem para casa – comentou Naninha. – Ela disse que o capitão Dave Binnie o viu ano passado em Buenos Aires e não o reconheceu, de tão horrível que estava. Vocês acham que isso pode ser verdade?

– Não si foi um Binnie qui contou – respondeu Judy raivosamente.
– Num si preocupa, não, Naninha.

– Ah, não estou preocupada. Eu até gostaria que fosse verdade. Se ele se tatuou, vou pedir para que me tatue também quando vier para casa.

Simplemente não havia nada a se responder àquilo. Judy voltou-se novamente para Pat.

– Até o Natal, ele vai ser capitão, num foi o qui eli disse? Ora, ora, essi garotu chegou longi! Eli vai ser um ano mais novo qui o teu tio Horace quandu cunsguiu seu primeiru naviu. Eu mi lembriu bem di quandu eli veiu para casa, naqueli verão e trouxe u macacu juntu.

– Um macaco?